



MINHA FAMA DE

**MAU**

ERASMO CARLOS

# DIREITO DE NASCER

## O ÚLTIMO CAPÍTULO DA NOVELA

*Direito de Nascer* estava prestes a começar e eu aguardava ansioso. Mas naquele 13 de agosto de 1965 não tinha o menor interesse em saber como terminaria a trama de Albertinho Limonta, Maria Helena, mamãe Dolores e Isabel Cristina.

A Isabel que interessava estava ali ao meu lado, na entrada do edifício onde ela morava. Às 21h30, quando soaram os primeiros acordes de *Amor Eterno*, tema de abertura do folhetim, ela me olhou com seu habitual jeito

sacana. Como vínhamos fazendo havia alguns meses, sempre no mesmo horário, seguimos para as escadas do prédio. Todo mundo via a novela, inclusive os pais dela, e os corredores ficavam vazios. O Brasil parava. Não se ouvia um pio.

Nas escadas, porém, a vida seguia. Isabel era uma gracinha tijuicana de rosto redondo e cabelos compridos, baixinha e boa demais. E, o melhor, entregava cheia de desejo aquele corpinho para mim, fechando os olhos e respondendo às minhas carícias.

E eu me perguntava: “Será que ela gosta do artista ou do homem?” Não sei. Me sentia completamente à vontade como Erasmo Carlos, nome bem mais forte e capaz de traduzir minha personalidade que o Erasmo Esteves de batismo. Tinha certeza disso ao ouvi-lo tantas vezes nas rádios, graças ao sucesso de minhas músicas.

Na verdade, não me preocupava saber qual Erasmo Isabel queria. Porque fosse qual fosse, ele estava ali, grudado nela e procurando não fazer barulho.

Na minha cabeça, não havia silêncio: o Brasil inteiro cantava *Festa de Arromba* e o amor de Isabel acompanhava. Eu vivia no paraíso. A vida sorria para o menino da Tijuca.

## **O BONDE 51, QUE PASSAVA A**

*cada meia hora, concedia certo status à minha rua frente às suas vizinhas do bairro da Tijuca. No mais, a rua do Matoso era um típico cenário da Zona Norte carioca. Tinha de tudo lá: um posto de saúde com um entra e sai constante de ambulâncias que davam carona aos moradores; um templo batista também frequentado pelos garotos católicos (afinal, havia meninas lá); casarões decadentes que viraram casas*

*de cômodos, nas quais cada quarto era alugado para uma família; vilas com casas simples; pensões; mansões com direito a zoológico particular; hotel; fortaleza de jogo do bicho; pequenas indústrias de fundo de quintal; e um comércio variado, que incluía também os ambulantes, como o comprador de garrafas, o amolador de facas e a “vaca leiteira” (pequeno carro-pipa que vendia leite nas esquinas). Era uma babel de comportamentos, com gente de todos os tipos.*

*Na periferia existiam malucos de várias periculosidades, convivendo em harmonia com pessoas pacatas e gentis. Todos sabiam dos segredos de todos e se frequentavam. Brigavam entre si para, no final, fazerem as pazes bebendo democraticamente no mesmo bar. De vez em quando, acontecia um escandalozinho — como um adultério, que fazia a festa dos faladeiros de plantão — ou alguma confusão, quase sempre originária de discordâncias entre torcedores do Vasco e do Flamengo.*

*Às vezes, acho que a ingenuidade e o romantismo da época amenizavam um pouco a dureza de nosso cotidiano. Eram tempos difíceis, mas o Sol brilhava sempre, mesmo quando encoberto por nuvens de incerteza. Nascido no dia 5 de junho de 1941, morei ali até os 15 anos. Fui crescendo com meus amigos no olho desse furacão, num lugar que era um pedaço do Brasil daquele período. Seria, portanto, compreensível que minha geração “chutasse o pau da barraca” no futuro.*

## **NOS TEMPOS DA MATOSO,**

nem no melhor dos sonhos eu imaginaria estar ali, em 1965, deleitando-me com Isabel e curtindo, em meus delírios, a sensação maravilhosa de ouvir multidões cantando *Festa de Arromba* em uníssono.

Sexo e sucesso. Naquele momento, senti que o moleque

Erasmão Esteves tinha, sim, realizado o desejo juvenil de ser um cantor do rock and roll — do qual Elvis era o modelo maior. A respiração de Isabel entrou no ritmo dos versos: “Hey, hey/ Que onda/ Que festa de arromba”. Estrelas mudaram de lugar quando ela passou a mão vagorosamente nos meus cabelos.

## **ADOLESCENTE, EU QUERIA TER**

*o cabelo como o de Elvis. Me esforçava bastante usando gumex (o avô de todos os géis), esticando meus fios com touca de meia e penteando meu cabelo ao contrário, mas jamais consegui que ele ficasse liso. Meu próprio suor ou qualquer chuvinha o condenava a ser como antes, ondulado e rebelde. Até que surgiu a esperança, um papo sobre um alisamento que era tiro e queda. “Eu de cabelo liso? Tim Maia também? E mais Édson Trindade, Arlênio, Sabará, Pinto Nu, Marco Aurélio, todo mundo?”*

*Seria algum milagre? Era duro de acreditar, mas procurei me informar sobre a novidade, telefonando para o Tim:*

*— Bicho, como é esse negócio de alisar cabelo que andam falando por aí?*

*— É a Timbolina, Erasmo! — respondeu ele. — Um melado mágico que o Timbó inventou para alisar cabelo. Parece ser bom às pampas. Vâmu lá experimentar.*

*Timbó era um paulista, negro, já de uma certa idade, gay assumido e malandro cheio de ginga, que morava num quarto alugado no número 119 da rua. Fã ardoroso de Adoniran Barbosa e dos Demônios da Garoa, era impossível visitá-lo e não ouvir Iracema, Samba do Arnesto e Saudosa Maloca, hits da sua vitrola.*

*Ele era chegado ao candomblé e a dialetos africanos,*

*usando expressões como “Juru do céu” (para designar olhos azuis), “Juru do mar” (olhos verdes) e “Juru da montanha” (olhos castanhos). Gente finíssima, ele nos dava conselhos e tinha uma amizade paternal por todos nós. Bebia cachaça com Coca-Cola e, depois do terceiro gole, começava a chorar com saudades de São Paulo. Anos mais tarde, na música Turma da Tijuca, que gravei em 1984, eu fazia uma saudação a ele.*

*No sábado à tarde, dia em que aplicaríamos a Timbolina, lá estava eu, no primeiro lugar da fila, já me imaginando de visual novo, com as meninas comentando: “Olha lá o Erasmo! O cabelo dele é igualzinho ao do Elvis.”*

*Aos poucos, foram chegando mais “fregueses”: Renato, Raul, Sérgio Maluco, Roberto Carlos, Zé Martins e o próprio Tim que, assim como eu, queriam usufruir daquele invento revolucionário, misterioso e alvissareiro. Fomos todos para a cozinha do casarão, onde fervia, numa lata sobre o fogão a lenha, uma substância preta que mais parecia um mingau de carvão. Timbó mexia com uma colher de pau e, entusiasmado, nos apresentava como sendo a tal da Timbolina. Fomos para o quintal levando a lata ainda fervendo para ser colocada na beirada do tanque, com o murinho ao lado servindo de banco durante o processo. O produto teria que ser aplicado quente. Timbó, com uma espátula, ia distribuindo cuidadosamente a miscelânea por nossas cabeças, ao mesmo tempo em que se gabava, dando vazão ao seu exótico, incompreensível e louco repertório de filosofias:*

*— O caboclo vai gostar, Jurupema mandou reencarnar na flor e puxar o céu para me cobrir. Timbó é mestre, ele faz a chuva e não se molha, mas Adoniran é nagô...*

*Em seguida, dava uma gargalhada debochada, se cuspiendo todo, e emendava: “Saudosa maloca/ Maloca querida/ Din din donde nós passemos/ Os dias feliz de nossa vida.”*

*O mingau me queimava, mas eu aguentava firme e ainda lembrava:*

*— Ô Timbó, não se esqueça das costeletas.*

*Passada a aplicação, vinha a etapa final, que exigia a espera de uma hora para que o processo de alisamento se completasse. Em seguida, a lavagem da cabeça com sabão fazia escoar uma espuma preta e malcheirosa pelo ralo do tanque. Pronto! Lá estava eu com o cabelo liso para chamar de meu.*

*Naquela noite, fomos a uma festa na casa do Amilton, no Grajaú, cheia de garotas lindas e moderninhas. Era engraçado o cacoete ridículo que instantaneamente adquirimos, de forçar a barra para que nosso topete desabasse a todo momento sobre os olhos. Em seguida, com um movimento brusco, o jogávamos para trás. Me lembro que, na volta, sentei de propósito ao lado da janela do ônibus, coloquei a cabeça para fora, e deixei que o vento desalinhasse minha alisadíssima cabeleira.*

*No dia seguinte, porém, ao abrir os olhos pela manhã, senti de imediato um desconforto. Alguma coisa estava errada. Minha cabeça parecia uma tempestade. Doía da nuca até a testa, latejando com chuva, vento, raios e trovões. Além disso, o desagradável odor cáustico da Timbolina no travesseiro me anestesiava. Passei a mão na cabeça e não gostei do que senti. Corri para o espelho e não gostei do que vi:*

*— Puta que pariu!*

*Meu couro cabeludo estava todo ferido, queimado pela agressão da alquimia preta que o maluco do Timbó me aplicara. Vi que era o momento de um recolhimento estratégico. Me entupi de Melhoral e pomada e fugi da vida social por uns tempos, enquanto testemunhava um outro problemão: conforme os dias passavam, meu cabelo foi ficando cor de cobre, o que me levou a cortá-lo bem baixinho,*

*à la Príncipe Danilo (corte da época semelhante ao do volante Danilo, do Vasco). Na verdade, a milagrosa pasta era um tipo de Henê, feito da forma mais primitiva e perigosa possível, com ingredientes altamente invasivos e prejudiciais à saúde: amônia, formol, álcool, tinta... Uma fórmula corrosiva e daninha.*

*Assim como eu, muitos desistiram do tratamento capilar, mas Tim Maia continuou. Quando foi para os Estados Unidos, em 1959, era o que mais pedia nas cartas que me enviava:*

*“Erasmo, seu brasileiro de merda. Pelo amor de Deus, pare de tocar punheta e me mande Timboliiiiinaaaaaaaaaa!”*

## **A LEMBRANÇA DE TIM MAIA**

— sacana até em pensamento — não me trouxe sorte. Isabel e eu ouvimos um barulho e paramos assustados, prendendo a respiração.

Escutamos uma chave girando na fechadura e uma porta batendo: devia ser alguém atrasado para a novela. Passado o susto, consegui acalmar a belezaira e retomar o amasso. Alisando as formas de Isabel, lembrei do meu velho violão de cravelhas de pau.

## **TIM MAIA ME ENSINOU TRÊS**

*acordes, com os quais dei meus primeiros passos. Eu treinava num violão dado por minha avó Maria Luiza, a primeira a apostar em meu talento.*

*Foi nesse violão que ouvi tocar pela primeira vez, lá em casa, um cara do bairro de Lins de Vasconcelos, que eu tinha acabado de conhecer. Adorei vê-lo cantando aqueles rocks americanos no meu quarto.*

*Ele era um garoto que, como eu, amava Elvis — e*



*poucos anos depois, como eu, viria a amar João Gilberto. O baiano de Chega de Saudade me confirmou que havia algo na Bahia que fazia meu coração bater diferente, como eu já havia percebido com Dorival Caymmi. O João Valentão de sua música (“João Valentão é brigão/ .../ Mas tem seu momento na vida/ .../ É quando a morena se encolhe/ Se chega pro lado querendo agradar/ .../ E assim adormece esse homem/ Que nunca precisa dormir pra sonhar”), brigão e romântico, era eu.*

*O nome do cara do Lins era Roberto Carlos.*

*Após a maratona de abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim, Isabel, toda dengosa, pousou a cabeça no meu ombro. Saímos da escada e voltamos para a entrada do prédio. A novela estava acabando. Festa de Arromba parou de tocar na minha cabeça e então comecei a ouvir o barulho da chuva.*

*A chuva não atrapalhou o show que Carlos Imperial organizou em frente à TV Rio, em Copacabana, para badalar a ida de Rita Pavone à emissora, em 1963. A ideia era, no dia da apresentação da cantora na TV, reunir uma multidão na rua, parando a cidade e impressionando os jornais. Um evento dispensável, afinal a cantora-fenômeno já era mais que badalada por si só. Não se falava de outra coisa. No rádio, nas festinhas e nos bailes, seus sucessos Datemi un Martello e Cuore tocavam mais que Parabéns pra Você. Seus clones se multiplicavam — cabelos curtos, botinhas, camisa branca de mangas compridas, calça preta e o indefectível suspensório.*

*Mas, como a cúpula da TV Rio pediu que Imperial se virasse para fazer algo que chamasse mais a atenção para Rita, ele correu atrás. Eu estava de bobeira em minha casa na Tijuca quando o telefone tocou. Era ele, gritando:*

— *Figura, larga o que estiver fazendo e vem para a TV Rio agora! Telefona para quem você puder e manda todo mundo vir para cá para um grande show. Simonal e Marcos Moran já estão comigo.*

*Liguei para alguns amigos e saí a jato. Quando cheguei à emissora, logo ao saltar do táxi, já fui envolvido pela multidão. Imperial, nervoso, dava ordens aos berros, tentando organizar a bagunça. Aos poucos, os artistas foram chegando: Cleide Alves, Golden Boys, Trio Esperança, Roberto Rei (autor da História de um Homem Mau, sucesso com Roberto Carlos), Amilton, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, Selmita, Maritza Fabiani, Tony Checker e Gerson Combo, entre outros.*

*O cast foi se encorpando, a aparelhagem foi ligada, a câmera colocada num lugar estratégico e, exatamente às 18h, começou o show no palco armado em frente à TV Rio. Enquanto a apresentação rolava, as pessoas que passavam por ali paravam curiosas para ver o burburinho, sem a mínima noção do que se tratava — como tudo foi feito na pressa, não havia cartazes pela cidade ou anúncios nas rádios. Com o acúmulo de gente, o trânsito também parou e começou o buzinaço. Em pouco tempo, o Posto 6, em Copacabana, já abrigava uma multidão.*

*Como tudo foi improvisado e a transmissão era ao vivo, às vezes entravam os comerciais com alguém ainda cantando e, quando voltava a aparecer o palco, a música já tinha acabado.*

*Uma chuva fininha começou a cair, causando certa apreensão. Mas mesmo com a garoa e sem a presença de muitos artistas, que estavam fora do Rio ou não foram encontrados, Imperial se saía bem. Apresentava os que chegavam, entrevistava o povão e convocava as pessoas para imitar a dança característica da Rita.*

*Na minha hora de cantar, não fiz por menos e entrei todo*

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

